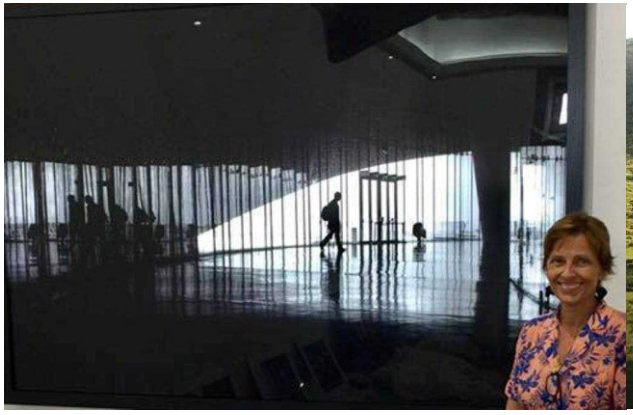
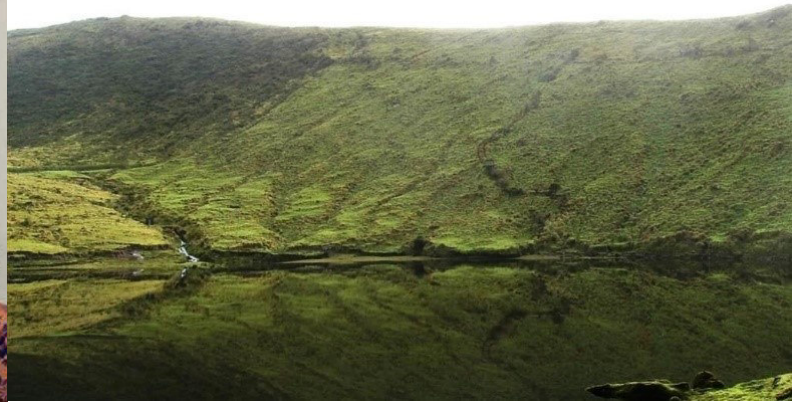




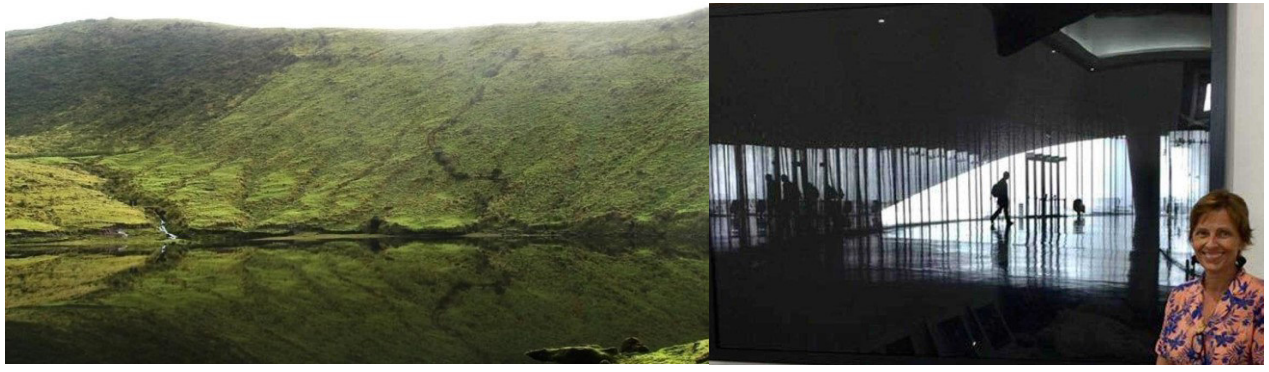
fotoemas

Fátima Salcedo & Chrys Chrystello

fotografias do Porto e poemas dos Açores

fotoemas

Chrys Chrystello & Fátima Salcedo



poemas dos Açores e fotografias do Porto

Ficha técnica

Imagens: Fátima Salcedo
Poemas: Chrys Chrystello
Capa e contracapa: imagens Fátima Salcedo e Chrys Chrystello

edição AICL Colóquios da Lusofonia NIPC 509663133
Rua da Igreja 6, Lomba da Maia 9625-115 Açores
aicl@lusofonias.net Tel: +351 919287816
Copyright © 2018

Conceção de *layout* e paginação: AICL – Chrys Chrystello
Capa: Fátima Salcedo e Chrys Chrystello
Todos os direitos reservados

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, digitalização, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação, sítio *Web*, blogue ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora, exceto o permitido pelo CDADC, em termos de cópia privada pela AGECOP – Associação para a Gestão da Cópia Privada, através do pagamento das respetivas taxas.

Nota introdutória

Quando surgiu a ideia de concretizar o sonho de criar estes FOTOEMAS (juntar imagens e poesia) nunca imaginei que seria fácil.

A magia das fotografias da Fátima Salcedo é dedicada ao Porto, e os meus poemas são uma ode aos Açores.

Este livro é, assim, fruto de amores distintos de dois autores, que atravessaram o Grande Mar Oceano, na década de 1970, um rumo à Norte América outro a Timor e Austrália.

Dessas navegaças peregrinas nasceram os fotoemas que aqui se reproduzem.

© fatima salcedo

596. da minha janela, moinhos de porto formoso, 7 junho 2013

O mar é deus
As ondas a sua palavra
Os romeiros alimentam-se dela
(poema tuaregue adaptado aos açores)

disse o poeta a seu tempo
da minha janela vejo o mar
o meu quintal é enorme
abarca a linha do horizonte
a minha janela é enorme
abre-se ao círculo dos céus
o meu oceano é enorme
chega às ruínas dos atlantes
só a minha escrita é pequena
nas grades desta prisão.

Quentes
© fatima salcedo

545. (quentes e boas com) sal ,1 junho 2012

sempre que vou ao mar
na boca fica-me um travo a sal
sempre que vou à galiza
os lábios falam-me de portugal
e em goa, timor ou macau
no brasil ou cochinchina
nunca me sinto mal
sândalo, cravinho e canela
arroz-doce, bebinca, balachão
a língua que nos une tem sal
nela me deito e me deixo vogar
nesse oceano da lusofonia
sem ventos nem adamastores
navegam todas as naus
todos irmãos num só mar
bandeiras do mundo sem passaporte
esta a nossa cantiga de embalar
sonhos, utopias por provar.

539. destino ilhéu, lomba da maia 11 fev 2012

olhei para o espelho dos dias
e vi-te partir
silente como chegaras
sem sorrisos nem lágrimas
vestias um luar sombrio
deixavas vazio o leito
num luto antecipado
agarrei as nuvens que passavam
levado na poeira cósmica
carpindo dores antigas
acordei sobressaltado
o livro da vida nas mãos
o livor nas faces
o fim há muito antecipado
ficar era o destino
sem levar as ilhas a reboque

será esta a sina ilhoa?

correo
© fatima salcedo

565. solitudes 31 dezembro 2012

solidão não me assusta
estar sozinho sim

silêncio não me assusta
solilóquio sim

inverno não me assusta
cinzento sim

multidões não me assustam
estar só no meio delas sim

a poesia é uma arma
carregada de solitude

solidão nos açores
é viver nas ilhas
enquanto o mundo
se destrói lá fora

© fatima salcedo

566. raças 02 jan 2013

só conheço uma raça
a humana
cheia de cores, tamanhos e feitios
raça têm os animais
bravos como os touros
raça têm os humanos
com coração magnificente
dádiva permanente
entrega total
os outros são meros clones sem alma
carneiros obedientes
ratos de laboratório
e nesta ilha do arcanjo
há pouca raça

GARY
© fatima salcedo

570. solidões solitárias séc. XXI, 01 abr 2013

solidão é esperar
sms e e-mails na noite de natal
solidão é falar
a amigos do facebook na páscoa
solidão é usar skype
com ex-mulheres e namoradas
solidão é espreitar pela janela
em busca de rostos conhecidos
solidão é ver álbuns antigos
esperando encontrar amigos
solidão é ligar
aos que já partiram
na esperança de que atendam

© fatima salcedo

654. les parapluies de cherbourg, moinhos de porto formoso, maio 30, 2014

quando a louca de chaillot
encontrou as demoiselles d'avignon
virginia woolf deu um brado
aos pássaros de hitchcock
e bob dylan lamuriou
the times, they are a changing

© fatima salcedo

676 o ruído do poema, (moinhos de porto formoso 20/8/2015)

o ruído do poema
enche o silêncio da palavra
pássaro fugaz
alquimia breve

há magias por decifrar
na negra lava
vulcões silentes
no ruído da palavra

no porto de abrigo
sem naus nem caravelas
palavras mudas
no ruído do poema

TITANO
© fatima salcedo

663. terceira idade, moinhos de porto formoso, 29/82014

ao alcançar a terceira idade
recordo mitos juvenis
percursos inconquistados
ilusões de felicidade eterna
amores fugazes para sempre

mas como cri e lutei
fui derrotado e me soergui
como fénix de todas as cinzas
atingi metas insonhadas
descartei mitos inalcançados
amadureci e resignei-me
amores eternos para vidas fugazes

ora inicio o ciclo das memórias

© fatima salcedo

686. saudade do que nunca foi, 19/2/2016

«Ah, não há saudades mais dolorosas
do que as das coisas que nunca foram!»
Bernardo Soares, (heterónimo Fernando Pessoa),
in Livro do Desassossego (fragmento 92)

tenho tanta saudade
do que nunca aconteceu

só o poeta pode fazer acontecer
aquilo de que temos saudade
por nunca ter acontecido

© fatima salcedo

703. mar de palavras, lomba da maia 6.1.2018

parti as palavras
como quem parte pedra
com elas calcetei avenidas
de sonhos incumpridos
plantei catos e cardos
como quem planta rosas
colhi espinhos
como quem colhe pétalas

e do ramo que te ofertei
brotaram palavras felizes
neste mar de letras que habitamos

© fatima salcedo

631. ilhas, moinhos de porto formoso, 20/8/2013

estar numa ilha
é como viver num cais
à espera do barco que nunca chega
viver numa ilha
é sonhar
construir a jangada
desfraldar velas

estar numa ilha
é ir para o campo
plano e raso
à espera que construam
o aeroporto
a única forma
para viver numa ilha
é imaginá-la à saramago
como um continente à deriva

estar na ilha
é imaginar a fuga
sonhar com a saída
levá-la a reboque dos sonhos
embarcar nas nuvens
vogar na maré baixa
planar nas asas dos milhafres

e voltar sempre
ao ponto de partida

©fatima salcedo

701. morrer como o mar aral, 14/10/17

o rio da minha vida está assoreado
a minha barragem secou
as nuvens não trazem chuva

a essência da poesia não se discute
faz-se, escreve-se, lê-se
a poesia liberta-nos
voamos nas suas asas
abrimos todas as grades

o meu destino
é rumar na musa
desaguar na foz
morrer como o mar aral

571. cântico quântico, 1 abril 2013

se os escritores soubessem física quântica
saberiam como as suas obras se disseminam
uma partícula associada à sua antipartícula
um anti-b-mesão associado ao b-mesão
mas deteriorando-se mais depressa que o b-mesão
no meio da maléfica antimatéria
vagueando pelo universo pluriverso

se os escritores soubessem física quântica
viveriam todos nos açores
pois é aqui que o alter ego é a chave
da maior questão da existência
como nasceu e como vai morrer
este nosso universo

© fatima salcedo

697. esperança infundada, 12 julho 2017

varro o cotão dos dias
para sob o tapete das noites
na esperança infundada
de que novas auroras virão

varro as migalhas dos dias
para sob a toalha das noites
na esperança infundada
de ter uma mesa farta

varro as dores dos dias
para sob o manto das brumas
na esperança infundada
de haver dias de sóis felizes

IKEA
© fatima salcedo

622. este tempo 14/8/2013

este tempo
que voa sob meus pés
é neto do tempo
que não ambulava
na minha juventude

© fatima salcedo

584. autonomias, moinhos de porto formoso, maio 10, 2013

arquipelágica
nasceste para as palavras
sísmica
nasceste para a fé
vulcânica
nasceste para as lendas
autónoma
nasceste para a liberdade
que um dia terás

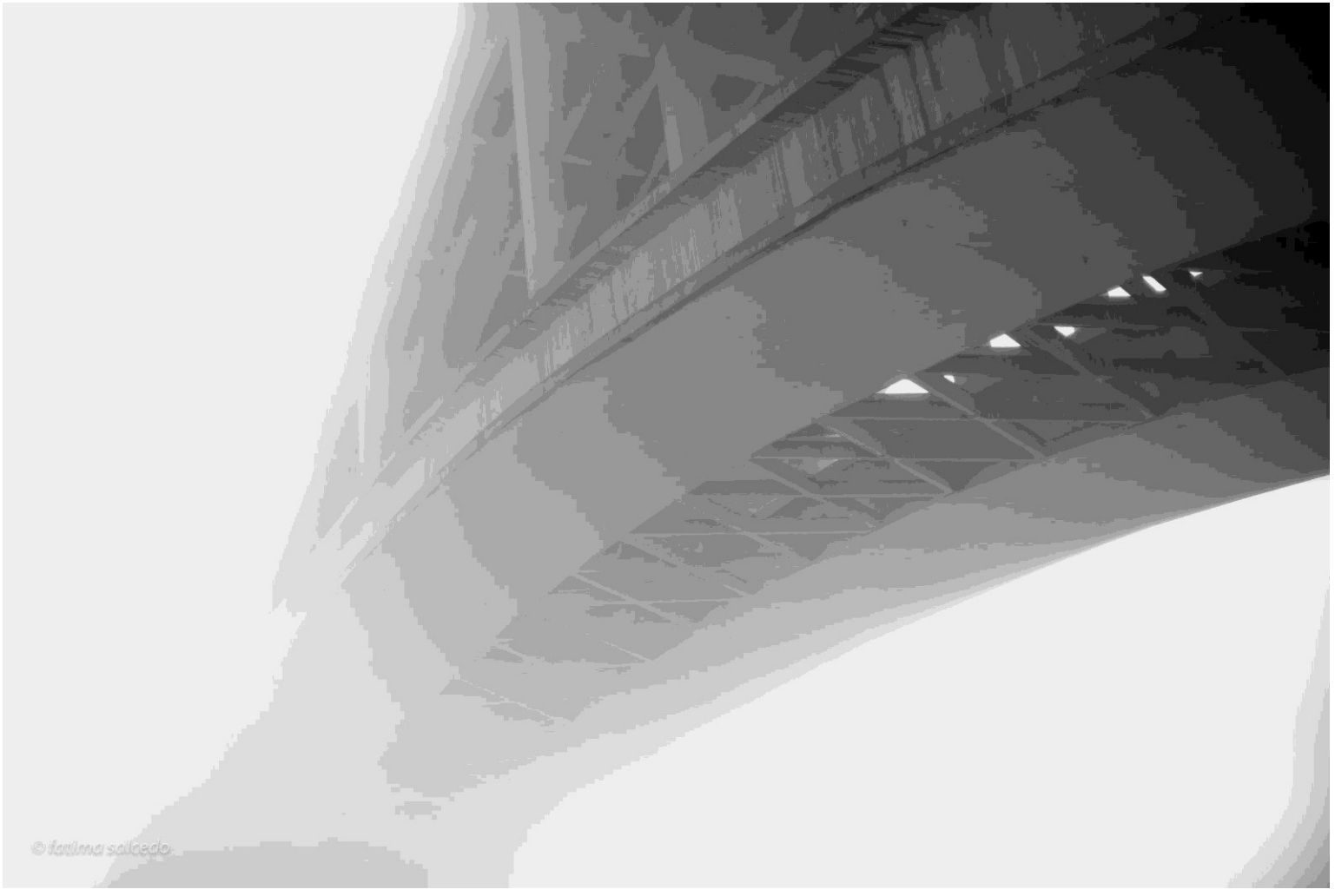
© fatima salcedo

603. pátria a saldo, moinhos de porto formoso, 26/6/2013

em dias de glória
conquistamos mundos
monstros adamastores
cabos das tormentas

políticos traidores
vendedores de pátrias
novos senhores
desbaratadores de reinos
exterminadores de idosos
hipotecadores de jovens

e eu sem gládio
nem escudo que me defenda
e o povo no seu torpor
sem revolta que o liberte
caminha para o estertor


© fatima salcedo

615. brumas 02 ago 2013

eram de espuma
as palavras
eram de sal
as ondas
eram de gaze
as nuvens
eram de orvalho
as lágrimas
eram de névoa
os montes
o verde surreal
as lagoas
eram de medos
os vulcões
e procissões
eram de espuma
as ilhas dos açores

ROSA DIAS
DOURO
GAIA
CAÇA
SUZUKI
© fatima salcedo

572.2. non ho l'età, (nos moinhos de porto formoso à gigliola cinquetti), 2 abr 2013

non ho l'età entoa a tsf
enquanto as ondas marujam
num mar de carneirinhos
e penso que não tenho idade
nem feitio, nem passado
para sonhar mais

deixo-me levar pelo vento
vogando nas caravelas do tempo
sem idade nem planos
com a idade de todos os sonhos

© fatima salcedo

524. reinvenção do amor, a daniel filipe, 18 outubro 2011

o pássaro descreve o seu voo
na sinusoide deste tempo
a voz e a palavra são campos floridos
evocam verdes infâncias

é preciso inventar o amor
com caráter de urgência
dizia Daniel Felipe
mas são precisos homens e mulheres
dispostos a amar
capazes de ouvir e perdoar
os sentimentos podem esfriar
mas não se gastam
nem devem ser mudados
com a frequência das camisas
não são fraldas descartáveis
precisam de ser regados
com a humidade das neblinas
e o orvalho das lágrimas
neste deserto com vozes

a felicidade é um mito
o mundo é um inferno
a paixão uma utopia

e tu acreditas, meu amor?
andam pássaros à solta nos jardins de Eros

602. Reminiscências, moinhos de porto formoso 22/06/2013

quero regredir à infância
até aos anos da inocência
sonhos ingénuos e aspirações
tudo era bem mais simples e banal

sabíamos de onde vínhamos
repetíamos ciclos de antanho
havia quatro estações
tudo era bem mais simples e banal

estradas lentas com destinos certos
paragens em todos os apeadeiros
plantar uma árvore
escrever um livro
conceber um filho
tudo era bem mais simples e banal

sobreviver à guerra colonial
arranjar emprego
subir na vida a pulso
criar família e viver sacrifícios
e valia sempre a pena
tudo era bem mais simples e banal

© fatima salcedo

572.*1*. dezoito anos depois (à ni), 3 abr 2013

quando te conheci
cheiravas a flores silvestres
hoje sabes a frutos maduros
entretanto houve primaveras nos olhos
e outonos nas mãos

os sois que passaram não encobriram as nuvens
e as luas que despontaram não pararam as marés
os eclipses foram sempre fugazes
como esta vida que prolongamos
enquanto nos deixarem viver

580. primaveras 3, (à ni), 3 maio 2013

trazias primaveras nos cabelos
e verões no olhar
demos as mãos e rumámos ao futuro
voamos nas asas do vento
vivemos vulcões, tremores e furacões
cruzámos mares e continentes
perdemos o norte e o rumo
encontrámos paraísos desconhecidos
sussurrámos promessas e sonhos
navegando as asas da açorianidade

© fatima salcedo

645. NOSTALGIA, Poema a duas mãos (Joana Félix e Chrys) 13 outubro 2013

Escreve-me
cartas em papel
com cheiro a tinta e
palavras repetidas,
daquelas que
já não se dizem.
Mas que sejam
de carne e de sangue
para enganar a ausência. (Joana Félix)

quero sentir o teu cheiro
no papel da carta que escreverás
quero sentir o teu coração
nas letras que desenharás,
quero sentir a tua alma
no papel amarelecido
das cartas que escreveste... (Chrys)

588. As 4 idades do homem (revisitadas), 24 maio 2013

adoro as quatro idades do homem
infante de sonhos húmidos
mil e um futuros sem pressas
adolescente de sonhos psicadélicos
a pressa do futuro que se pode perder
a meia idade de sonhos pesadélicos
com a lentidão de quem viveu
a necessidade de contemplar o vivido
reviver conquistas esquecer amarguras
na última etapa sem sonhos délicos
sem medos e sem futuro
esperando encontrar a alma
sem alzheimer nem demências

© fatima salcedo

534. açorianices 13 dez 2011

disseram para falar de hortênsias
plantar a palavra mar e algum sal
lugares comuns de bruma
azáleas, camélias, novelões,
conteiras, milhafres e cagarros
e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse
autores nasceram assim
nas ilhas e na estranja
ganharam prémios, foto no jornal
o governo pagava e promovia
era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina
avisto o mar em desalinho
mas sem hidranjas
nem vacas alpinistas
nem açores a esvoaçar

não terei nome no basalto
cantarei o arquipélago da escrita
sem títulos nem honrarias
sem adjetivos telúricos
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer
mas quem o sente.

edição AICL Colóquios da Lusofonia 2018